

» URBANISMO

Palafitas persistem por falta de uma política habitacional

» página 4



Hélia Scheppa/JC Imagem

» TRANSPORTE

Ônibus do interior fazem do Centro ponto-de-parada

» página 6



Marcos Michael/JC Imagem

» SAÚDE

Buíque consegue reduzir a zero mortalidade infantil

» página 8



editor André Malagueta Galvão agalvao@jc.com.br
 editores-assistentes Ricardo Novelino rnovelino@jc.com.br
 Betânia Santana bsantana@jc.com.br
 fale conosco (81) 3413-6187

cidadaes

Jornal do Commercio Recife, 2 de setembro de 2007 - domingo www.jc.com.br/cidades

» ARQUEOLOGIA

URNA INDÍGENA ENCONTRADA NA ZONA DA MATA

Peça de cerâmica foi encontrada na área rural de Aliança. Objeto mede 70 centímetros e tem a borda decorada com desenhos em forma de talhos

Cleide Alves

Uma urna funerária tupi-guarani foi encontrada em Aliança, município da Zona da Mata Norte de Pernambuco, distante 73 quilômetros do Recife. A peça, de cerâmica, mede cerca de 70 centímetros de altura e tem a borda decorada com desenhos em forma de talhos. "Dentro da urna havia fragmentos de outros vasilhames, talvez utilizados como oferendas para o morto", informa o coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Marcos Albuquerque.

A idade da urna é estimada entre dois mil anos até o período de contato do grupo com o invasor europeu (500 anos atrás). "Será feita análise para detectar a cronologia do material e outros estudos que trarão detalhes sobre a técnica de manufatura e decoração", afirma o pesquisador. Como não havia restos de ossos, ele não pode informar se o sepultamento era primário (o corpo ainda com carne) ou secundário (só o esqueleto).

Pelo tamanho da peça, se o sepultamento fosse primário, o corpo seria de um adolescente pequeno ou de uma criança, diz o arqueólogo. O grupo indígena tupi-guarani se alimentava

principalmente de mandioca e morava em aldeias, num sistema semi-sedentário. De acordo com Marcos Albuquerque, eles passavam de seis a oito anos em cada local, a menos que houvesse algo como uma guerra, que os levava a trocar de área.

A urna estava num sítio da comunidade Santa Luzia, área rural de Aliança, e aflorou nas escavações do alicerce para construção de uma casa, sem acompanhamento arqueológico. "Soubemos do achado por uma pessoa que trabalha na Comissão de Defesa do Meio Ambiente da Assembléia Legislativa do Estado, Leandro Firmiro", relata. Quando chegaram ao local, os pesquisadores se depararam com a urna quebrada. A base estava destruída e não havia mais tampa.

"Provavelmente, se tivesse sido resgatada por um arqueólogo, teríamos recuperado muitas outras informações que se perderam", declara Marcos Albuquerque. Como exemplo, ele cita um dado repassado pela comunidade sobre a exis-

tência de um pó preto dentro da urna. "Poderia ser a desintegração dos ossos", comenta.

A proprietária do sítio, Josefa Alexandre Ferreira Rodrigues, revelou ao arqueólogo que pretendia reaproveitar o objeto para fazer uma plantação de coentro, mas entregou a urna ao laboratório da UFPE. "Contamos com apoio de pessoas da comunidade para preservação do achado, como o professor Severino Ramos da Silva, o presidente da Associação de Serviço Comunitário e Agrícola de Santa Luzia, Carlos Antônio do Nascimento e do vice-presidente da mesma entidade, Sebastião Aquilino Flor."

CONSCIENTIZAÇÃO

Marcos Albuquerque fará um trabalho de educação patrimonial com os moradores do povoado. Assim, as pessoas ficarão atentas a outras descobertas arqueológicas. "Toda a área de Aliança, inclusive Goiana, foi intensamente habitada por grupos tupi-guarani", destaca. Ele comunicou o achado e o salva-

mento da peça à superintendência local do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Em junho de 2005, o Grupo de Estudos Aplicados em Biologia, Arqueologia e Paleontologia da Universidade Católica de Per-

nambuco (Unicap) recebeu uma urna funerária tupi-guarani, que havia sido descoberta no bairro de Aldeia, no município de Camaragibe, no Grande Recife, no ano 2000. O artefato de cerâmica foi doado pelo proprietário do terreno, Joacy Guimarães. Ele escavava a área para fazer uma cisterna.

Pesquisadores do laboratório de arqueologia da Unicap estimam que a urna também tenha entre 500 a 2 mil anos, período em que há registro de aldeias tupi-guarani ao longo de toda a costa brasileira. "A parte interna da base é pintada de branco e há desenhos que podem ser simbolismo ou transmitir alguma informação codificada. O estudo ainda não é conclusivo", diz o arqueólogo Albérico Nogueira. Nesse caso, havia ossos humanos no interior da urna.

Segundo ele, a peça encontra-se em péssimo estado de conservação e os ossos estavam descalcificados, indicando que ficaram expostos à intempérie. "Os indícios são de sepultamento secundário", diz ele.



SURPRESA Artefato apareceu durante as escavações do alicerce para construção de uma casa, na zona rural

Hélia Scheppa/JC Imagem